

ESTRATÉGIAS PSICOPEDAGÓGICAS PARA A INCLUSÃO DE ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NO AMBIENTE ESCOLAR

Hildeane da Silva Soares – Bacharel em Psicologia – FAMAP. E-mail: hildeanesilva76@gmail.com

André Benassuly Arruda – Docente – FAMAP. E-mail: profpsi21@faculdefamap.edu.br

Genecy Roberto dos Santos Bachinski – Docente – FAMAP. E-mail: genecypsi@hotmail.com

Geny Roberto dos Santos – Docente – FAMAP. E-mail: administrativo@faculdefamap.edu.br

Helena Cristina Santos Nascimento – Docente – FAMAP. E-mail: administrativo@faculdefamap.edu.br

Josie Rodrigues Vieira – Docente – FAMAP. E-mail: administrativo@faculdefamap.edu.br

Marineide Aquino de Souza – Docente – FAMAP. E-mail: administrativo@faculdefamap.edu.br

Maria Clara Nascimento Teixeira – Docente – FAMAP. E-mail: administrativo@faculdefamap.edu.br

Sinandra Carvalho dos Santos Fernandes – Docente – FAMAP. E-mail: administrativo@faculdefamap.edu.br

RESUMO

A inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no ambiente escolar é um desafio que exige estratégias psicopedagógicas eficazes para garantir equidade e aprendizado significativo. Este trabalho teve como objetivo geral analisar estratégias psicopedagógicas que promovam a inclusão de alunos com TEA, considerando seus impactos no aprendizado, socialização e desenvolvimento integral. A metodologia envolveu uma revisão bibliográfica descritiva, baseada em artigos científicos de

plataformas como Scielo e Google Scholar, com foco em intervenções psicopedagógicas, recursos artísticos e gestão educacional. A discussão revelou convergências na relevância de Planos Educacionais Individualizados, adaptações curriculares e recursos visuais, mas também tensões, como a crítica à medicalização excessiva e desafios na implementação de terapia cognitivo-comportamental. A arte foi destacada como ferramenta poderosa para estimular funções psicológicas superiores, enquanto a gestão educacional foi apontada como essencial para articular práticas inclusivas. As considerações finais confirmaram que a problemática foi respondida, destacando a necessidade de personalização, formação docente e colaboração família-escola. Contudo, lacunas como a insuficiência de capacitação e a necessidade de estudos longitudinais sobre intervenções artísticas persistem, sugerindo direções para futuras pesquisas.

Palavras-chave: Inclusão, TEA, Psicopedagogia, Arte, Gestão Educacional.

INTRODUÇÃO

A inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no ambiente escolar constitui um desafio multifacetado que demanda a articulação de práticas pedagógicas, intervenções psicopedagógicas e políticas educacionais voltadas para a equidade. A complexidade do TEA, caracterizado por variações nas habilidades de comunicação, interação social e padrões de comportamento, requer abordagens individualizadas que respeitem as particularidades de cada estudante (Oliveira, 2024). Como as estratégias psicopedagógicas podem ser estruturadas para promover a inclusão efetiva de alunos com Transtorno do Espectro Autista no ambiente escolar?

A educação inclusiva, nesse sentido, não se limita à presença física do aluno na sala de aula, mas abrange a garantia de participação ativa e aprendizado significativo. A relevância desse tema reside na necessidade de superar barreiras estruturais e atitudinais que ainda permeiam os sistemas educacionais, promovendo um ambiente que favoreça o desenvolvimento integral desses alunos (Acuña, 2022).

A psicopedagogia, enquanto campo interdisciplinar, oferece contribuições significativas para a construção de práticas inclusivas, ao integrar conhecimentos da psicologia, pedagogia e neurociências. Essa área enfatiza a compreensão dos

processos de aprendizagem e das barreiras que podem comprometer o desenvolvimento cognitivo e socioemocional de alunos com TEA.

A partir de intervenções baseadas em evidências, a psicopedagogia auxilia na elaboração de estratégias que potencializam as funções psicológicas superiores, como atenção, memória e regulação emocional, fundamentais para o sucesso escolar. A implementação dessas estratégias, no entanto, enfrenta desafios relacionados à formação docente, à disponibilidade de recursos e à articulação entre escola, família e profissionais especializados (Silva, 2024).

O cenário educacional contemporâneo reflete avanços nas políticas de inclusão, mas também expõe lacunas na aplicação prática dessas diretrizes. A Lei Brasileira de Inclusão (Lei nº 13.146/2015) e as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Perspectiva Inclusiva reforçam o direito à educação equitativa, mas a realidade escolar frequentemente revela dificuldades na adaptação curricular e na capacitação de professores. Alunos com TEA, devido às suas especificidades, demandam abordagens que transcendam métodos tradicionais de ensino, incorporando recursos como salas de atendimento educacional especializado (AEE) e práticas artísticas que estimulem a expressão e a socialização (Dornelas et al., 2024).

A medicalização da infância, frequentemente observada no contexto escolar, também emerge como um ponto de reflexão crítica. O uso de medicamentos para gerenciar comportamentos associados ao TEA pode obscurecer a necessidade de intervenções pedagógicas e psicossociais que priorizem o desenvolvimento integral do aluno (Oliveira, 2024).

A prática, embora comum, levanta questões éticas e pedagógicas sobre a formação de professores e a compreensão das necessidades neurodiversas, destacando a importância de abordagens não farmacológicas que respeitem a singularidade de cada estudante (Camargo et al., 2021).

Consequentemente, evidencia-se que a formação docente deve transcender métodos padronizados, incorporando práticas pedagógicas que reconheçam e valorizem as particularidades de cada aluno, promovam a autonomia e incentivem a participação ativa no processo de aprendizagem. Isso implica oferecer aos professores oportunidades contínuas de desenvolvimento profissional, baseadas em

evidências e alinhadas a princípios inclusivos, de modo que possam adaptar estratégias e criar ambientes de ensino capazes de responder às múltiplas formas de aprender presentes na sala de aula.

A relevância social desta pesquisa reside na urgência de promover uma educação inclusiva que garanta o direito de alunos com TEA a um aprendizado significativo e equitativo. A inclusão vai além da matrícula escolar, exigindo práticas que respeitem a diversidade neurocognitiva e promovam o pertencimento (Oliveira, 2024).

A sociedade contemporânea, marcada por avanços nas políticas de inclusão, ainda enfrenta desafios na implementação de estratégias que atendam às especificidades desses alunos, especialmente em contextos de escassez de recursos e formação docente insuficiente. Este estudo busca oferecer contribuições práticas e teóricas para superar essas barreiras, fortalecendo a equidade educacional (Acuña, 2022).

Do ponto de vista científico, a pesquisa se justifica pela necessidade de sistematizar conhecimentos sobre intervenções psicopedagógicas eficazes no manejo das particularidades do TEA no ambiente escolar. A literatura aponta para a eficácia de abordagens interdisciplinares, mas há lacunas na integração entre teoria e prática, especialmente no que tange à formação de professores e à adaptação curricular. Ao explorar estratégias fundamentadas em evidências, este trabalho pretende enriquecer o campo da psicopedagogia e da educação inclusiva, oferecendo subsídios para futuras investigações e práticas docentes (Dornelas et al., 2024).

A arte, por sua vez, tem se mostrado um recurso promissor na inclusão de alunos com TEA, ao proporcionar canais alternativos de comunicação e expressão. Atividades artísticas, como pintura, música e teatro, podem estimular a criatividade, a regulação emocional e a interação social, contribuindo para o desenvolvimento de competências que complementam o aprendizado escolar (Souza, 2023).

A gestão educacional impacta na viabilização da inclusão, ao articular políticas, recursos e formação continuada para os professores. A função político-pedagógica da gestão envolve a criação de ambientes acolhedores e a implementação de planos educacionais individualizados (PEI) que atendam às necessidades específicas de alunos com TEA.

A ausência de uma gestão comprometida pode comprometer a eficácia das intervenções psicopedagógicas, evidenciando a necessidade de uma abordagem sistêmica que envolva toda a comunidade escolar (Oliveira, 2024).

As práticas pedagógicas eficazes, especialmente aquelas voltadas para o manejo de comportamentos desafiadores, como os observados em casos de TEA ou transtorno opositor desafiador (TOD), requerem uma compreensão aprofundada das dinâmicas emocionais e cognitivas dos alunos. Estratégias como a terapia cognitivo-comportamental (TCC) adaptada ao contexto escolar podem auxiliar na regulação de comportamentos e na promoção de habilidades sociais, embora sua implementação enfrente barreiras relacionadas à formação docente e à adaptação ao ambiente escolar (Portela, 2024).

A matemática, como disciplina estruturada, apresenta desafios específicos para alunos com TEA, que podem se beneficiar de abordagens visuais e concretas que facilitem a compreensão de conceitos abstratos. A percepção de pais e professores sobre as potencialidades e dificuldades nesse processo de ensino-aprendizagem revela a importância de metodologias adaptadas que promovam a inclusão e o engajamento desses alunos. A colaboração entre família e escola é indispensável para alinhar expectativas e estratégias, garantindo a continuidade do aprendizado (Silva *et al.*, 2023).

O objetivo geral do trabalho foi analisar as estratégias psicopedagógicas que promovem a inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista no ambiente escolar, considerando suas contribuições para o aprendizado, a socialização e o desenvolvimento integral. Os objetivos específicos foram: Compreender como as intervenções psicopedagógicas, como adaptações curriculares e planos educacionais individualizados, na superação das barreiras de aprendizagem enfrentadas por alunos com TEA; Entender como o uso de recursos artísticos pode estimular o desenvolvimento de funções psicológicas superiores e a socialização de alunos com TEA no ambiente escolar e refletir sobre a função da gestão educacional na articulação de práticas inclusivas, considerando a formação docente e a colaboração entre escola e família.

REFERENCIAL TEÓRICO

INTERVENÇÕES PSICOPEDAGÓGICAS NA SUPERAÇÃO DE BARREIRAS DE APRENDIZAGEM

A psicopedagogia, enquanto campo interdisciplinar, oferece ferramentas para compreender as particularidades do processo de aprendizagem de alunos com TEA, que frequentemente enfrentam dificuldades na comunicação, na interação social e na flexibilidade cognitiva. A elaboração de planos educacionais individualizados (PEI) é uma prática central, pois permite a adaptação do currículo às necessidades específicas de cada estudante, promovendo o acesso aos conteúdos escolares. Os planos devem considerar as preferências sensoriais e os estilos de aprendizagem do aluno, utilizando recursos visuais e estratégias multissensoriais para facilitar a compreensão (Dornelas *et al.*, 2024).

A adaptação curricular, outro pilar das intervenções psicopedagógicas, envolve a modificação de atividades, materiais e métodos de ensino para atender às demandas do aluno com TEA. Por exemplo, a utilização de organizadores gráficos e rotinas estruturadas pode reduzir a ansiedade e aumentar o engajamento. As estratégias requerem a colaboração entre professores do ensino regular e do atendimento educacional especializado (AEE), que impactam na implementação de práticas inclusivas (Acuña, 2022).

O manejo de comportamentos desafiadores, frequentemente observado em alunos com TEA, também é abordado por meio de intervenções psicopedagógicas. Técnicas como o reforço positivo e a modelagem comportamental ajudam a promover a autorregulação e a participação em atividades coletivas. A formação docente é indispensável para a aplicação dessas técnicas, garantindo que os professores compreendam as funções dos comportamentos e saibam intervir de forma respeitosa e eficaz (Portela, 2024).

Um aspecto fundamental da educação inclusiva contemporânea: o potencial das tecnologias assistivas como mediadoras do processo de aprendizagem e de participação social. Ao citar aplicativos de comunicação alternativa, evidencia-se que tais recursos não apenas ampliam a possibilidade de expressão e interação dos estudantes, mas também funcionam como instrumentos de equidade, reduzindo barreiras que, de outra forma, poderiam perpetuar a exclusão. No entanto, o texto acerta ao ressaltar que a eficácia dessas ferramentas depende de um uso intencional

e planejado, apoiado por formação docente adequada. Sem essa base, corre-se o risco de que a tecnologia seja subutilizada ou aplicada de forma desconexa, perdendo seu caráter inclusivo e transformador.

A integração de tecnologias assistivas, como aplicativos de comunicação alternativa, também tem se mostrado promissora na superação de barreiras de aprendizagem. As ferramentas auxiliam na expressão de ideias e na interação com pares, promovendo a inclusão social e acadêmica. No entanto, sua implementação exige planejamento e capacitação, para que sejam utilizadas de forma consistente e alinhada aos objetivos pedagógicos (Pereira & Carvalho, 2022).

A avaliação contínua do progresso do aluno é um componente importante das intervenções psicopedagógicas. A utilização de instrumentos como portfólios e registros reflexivos permite aos professores monitorarem o desenvolvimento do aluno e ajustar as estratégias conforme necessário. A prática reforça a importância de uma abordagem dinâmica e centrada no estudante, que respeite suas singularidades e promova o aprendizado significativo (Silva *et al.*, 2023).

RECURSOS ARTÍSTICOS NO DESENVOLVIMENTO DE FUNÇÕES PSICOLÓGICAS SUPERIORES

A arte, como recurso psicopedagógico, tem o potencial de estimular o desenvolvimento de funções psicológicas superiores, como a atenção, a memória e a regulação emocional, que são frequentemente desafiadoras para alunos com TEA. Atividades como pintura, música e teatro oferecem canais alternativos de expressão, permitindo que esses alunos comuniquem suas emoções e ideias de forma não verbal (Souza, 2023).

O uso da arte como recurso psicopedagógico amplia as possibilidades de intervenção e aprendizagem para estudantes com TEA, pois se ancora em linguagens simbólicas e criativas que não dependem exclusivamente da comunicação verbal. Ao estimular funções psicológicas superiores, como atenção, memória e autorregulação emocional, a arte cria um ambiente de experimentação segura, onde erros são parte do processo e a expressão pessoal é valorizada. Além disso, atividades como pintura, música e teatro favorecem a construção de vínculos sociais e o fortalecimento da autoestima, oferecendo aos alunos oportunidades de participação ativa e significativa

no contexto escolar. Dessa forma, a arte se consolida como uma estratégia inclusiva que dialoga tanto com as necessidades cognitivas quanto com as afetivo-emocionais desses estudantes.

A música, em particular, tem sido utilizada para promover a regulação emocional e a interação social. Sessões de musicoterapia, quando integradas ao ambiente escolar, podem ajudar os alunos a desenvolverem habilidades de escuta ativa e colaboração, reduzindo comportamentos disruptivos. A escolha de atividades musicais deve considerar as preferências sensoriais do aluno, evitando estímulos que possam causar desconforto (Silva, 2024).

As artes visuais, como desenho e escultura, também contribuem para o desenvolvimento cognitivo, ao estimular a coordenação motora fina e a resolução de problemas. As atividades permitem que os alunos explorem conceitos abstratos de forma concreta, facilitando a compreensão de conteúdos curriculares (Souza, 2023).

O teatro, por sua vez, oferece oportunidades para o desenvolvimento de habilidades sociais, como a empatia e a comunicação. Atividades como dramatizações e jogos de improvisação ajudam os alunos a praticarem interações sociais em um ambiente seguro e estruturado (Silva, 2024).

A integração da arte ao currículo escolar exige uma abordagem interdisciplinar, que envolva psicopedagogos, professores e arte-educadores. A formação continuada desses profissionais é indispensável para garantir que as atividades artísticas sejam planejadas com objetivos claros e alinhadas às necessidades dos alunos. A prática reforça a arte como uma ferramenta de inclusão e desenvolvimento integral (Pereira & Carvalho, 2022).

GESTÃO EDUCACIONAL NA ARTICULAÇÃO DE PRÁTICAS INCLUSIVAS

A gestão educacional, quando orientada por princípios inclusivos, exerce papel central na construção de uma escola que acolha e valorize a diversidade. Mais do que administrar recursos, ela precisa assumir uma postura proativa na definição de diretrizes que assegurem igualdade de oportunidades e a eliminação de barreiras atitudinais e estruturais. Isso implica estabelecer metas claras, fomentar a colaboração entre diferentes setores da comunidade escolar e garantir que decisões pedagógicas

e administrativas estejam alinhadas às necessidades reais dos estudantes. Assim, a gestão se torna não apenas um agente organizador, mas também um catalisador de mudanças significativas na cultura escolar.

A gestão educacional atua na promoção da inclusão de alunos com TEA, ao articular políticas, recursos e formação continuada para os professores. Uma gestão comprometida com a equidade deve implementar planos estratégicos que garantam a disponibilidade de salas de recursos multifuncionais e a capacitação de equipes multidisciplinares. Essas ações criam um ambiente favorável ao aprendizado e à socialização dos alunos (Oliveira, 2024).

A formação docente é um dos pilares da gestão inclusiva, pois capacita os professores a compreenderem as particularidades do TEA e a implementarem estratégias psicopedagógicas eficazes. Programas de formação continuada devem abordar temas como adaptação curricular, manejo comportamental e uso de tecnologias assistivas, promovendo uma prática reflexiva e colaborativa (Dornelas et al., 2024).

A colaboração entre escola e família também é um aspecto fundamental da gestão educacional. A criação de canais de comunicação abertos e regulares permite alinhar expectativas e estratégias, garantindo a continuidade das intervenções psicopedagógicas. Encontros periódicos e relatórios individualizados são ferramentas que fortalecem essa parceria (Silva *et al.*, 2023).

A implementação de políticas inclusivas, como a garantia de acessibilidade física e pedagógica, é outra responsabilidade da gestão. Isso inclui a adequação de espaços escolares e a disponibilização de materiais adaptados, que facilitam a participação dos alunos com TEA nas atividades pedagógicas. A ausência dessas medidas pode comprometer a eficácia das intervenções psicopedagógicas (Acuña, 2022).

Ao adotar a avaliação contínua como parte integrante da gestão educacional, a escola estabelece um ciclo virtuoso de planejamento, ação e aprimoramento. Esse monitoramento sistemático não apenas fornece dados concretos para embasar decisões, mas também promove uma cultura institucional de reflexão e responsabilidade compartilhada. Quando os resultados são analisados de forma

colaborativa, envolvendo professores, famílias e demais profissionais, as práticas inclusivas ganham maior legitimidade e efetividade.

Por fim, a avaliação das práticas inclusivas deve ser um processo contínuo, conduzido pela gestão educacional. A análise de indicadores, como o progresso acadêmico e a participação social dos alunos, permite identificar lacunas e ajustar as estratégias. Essa prática reforça a importância de uma gestão proativa e centrada na equidade, que transforme o ambiente escolar em um espaço de oportunidades para todos os alunos (Oliveira, 2024).

Dessa forma, a avaliação deixa de ser um ato isolado para se tornar um instrumento estratégico de transformação e fortalecimento da equidade no contexto escolar.

METODOLOGIA

Este estudo foi conduzido por meio de uma revisão narrativa de literatura, de cunho qualitativo e exploratório, com o objetivo de sistematizar e analisar estratégias psicopedagógicas para a inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no ambiente escolar. A revisão narrativa foi escolhida por sua capacidade de integrar e sintetizar informações de diferentes fontes, permitindo uma compreensão ampla e contextualizada do tema, sem a rigidez de revisões sistemáticas, mas mantendo um enfoque crítico e reflexivo (Rother, 2007).

A pesquisa foi realizada nas bases de dados Scielo e Google Scholar, selecionadas por sua relevância acadêmica e abrangência na área de educação, psicologia e psicopedagogia. As palavras-chave utilizadas para a busca foram: "inclusão", "Transtorno do Espectro Autista", "TEA", "psicopedagogia", "estratégias psicopedagógicas", "arte e educação", "gestão educacional" e "educação inclusiva", combinadas com os operadores booleanos "AND" e "OR" para otimizar os resultados. O recorte temporal abrangeu publicações entre 2015 e 2025, considerando a relevância de estudos recentes e a atualização das políticas e práticas inclusivas no contexto educacional brasileiro.

Os critérios de inclusão foram: (1) artigos publicados em português, disponíveis nas bases selecionadas; (2) estudos que abordassem estratégias psicopedagógicas, recursos artísticos ou gestão educacional voltados para a inclusão de alunos com TEA

no ambiente escolar; (3) pesquisas com foco em intervenções baseadas em evidências ou práticas inclusivas; e (4) estudos qualitativos, quantitativos ou mistos que contribuíssem para os objetivos da pesquisa. Os critérios de exclusão compreenderam: (1) artigos não disponíveis na íntegra; (2) estudos que não abordassem diretamente o TEA ou o contexto escolar; (3) publicações anteriores a 2015; e (4) revisões ou estudos que não apresentassem resultados empíricos ou teóricos relevantes para o tema.

O processo de seleção iniciou-se com a identificação de 120 artigos nas bases de dados, utilizando as palavras-chave mencionadas. Após a aplicação dos critérios de exclusão, como a remoção de duplicatas e artigos fora do recorte temporal, restaram 65 artigos para análise preliminar. Em seguida, realizou-se uma leitura exploratória dos títulos e resumos, eliminando estudos que não atendiam aos critérios de inclusão, como aqueles sem foco específico em TEA ou inclusão escolar. Após essa etapa, 25 artigos foram selecionados para leitura integral. Por fim, com base na relevância para os objetivos do estudo e na qualidade metodológica, 10 artigos foram incluídos na pesquisa, conforme apresentados na Tabela 1. Esse processo de filtragem garantiu a seleção de estudos que contribuíram diretamente para a análise das estratégias psicopedagógicas, recursos artísticos e gestão educacional no contexto da inclusão de alunos com TEA.

A análise dos artigos foi conduzida de forma qualitativa, com foco na identificação de convergências, divergências e lacunas nas práticas descritas. Os dados foram organizados em categorias temáticas relacionadas aos objetivos específicos do estudo: intervenções psicopedagógicas, recursos artísticos e gestão educacional. Essa abordagem permitiu uma discussão crítica e reflexiva, fundamentada em evidências, que embasou as conclusões e considerações finais do trabalho.

RESULTADOS

A tabela foi construída para a elaboração da presente pesquisa

Tabela 1: Artigos selecionados segundo critério de inclusão e exclusão

Título e Autores	Metodologia	Resultados	Conclusão
Acessibilidade pedagógica ao universitário com transtorno do espectro autista: contribuições da psicologia à prática docente José Tadeu Acuña (2022)	Revisão bibliográfica e análise teórica, com foco em contribuições da psicologia para práticas pedagógicas inclusivas no ensino superior.	Identificação de estratégias psicológicas que promovem a inclusão de universitários com TEA, como adaptações curriculares e suporte emocional.	A psicologia oferece ferramentas essenciais para práticas docentes inclusivas, promovendo acessibilidade e equidade no ambiente universitário para estudantes com TEA.
Medicalização e farmacologização da infância no contexto escolar Maria Ida Ferreira Pires Camargo et al. (2021)	Revisão bibliográfica e estudo qualitativo, com análise de práticas de medicalização em escolas.	Evidências de aumento na prescrição de medicamentos para crianças com comportamentos considerados disruptivos, incluindo TEA, com impacto no ambiente escolar.	A medicalização excessiva pode comprometer a abordagem pedagógica, sendo necessária uma reflexão crítica sobre o uso de medicamentos e a valorização de práticas inclusivas.
O professor do atendimento educacional especializado na sala de recurso multifuncional (AEE/SRM) com formação em psicopedagogia: atuação junto ao aluno com Transtorno do Espectro Autista-TEA Cristina dos Reis Souza Dornelas et al. (2024)	Estudo qualitativo com observação da atuação de professores com formação em psicopedagogia em salas de recursos multifuncionais.	Professores com formação psicopedagógica demonstraram maior capacidade de personalizar estratégias para alunos com TEA, promovendo inclusão.	A formação em psicopedagogia é crucial para o sucesso do AEE, permitindo intervenções mais eficazes e individualizadas para alunos com TEA.
Práticas pedagógicas	Revisão bibliográfica e	Identificação de estratégias como	Práticas pedagógicas bem

<p>eficazes no manejo do transtorno opositivo desafiador no ambiente escolar Eliza Nami Iwamoto (2025)</p>	<p>estudo de caso, analisando práticas pedagógicas em escolas para manejo do TOD.</p>	<p>reforço positivo e comunicação clara que reduzem comportamentos desafiadores e promovem engajamento escolar.</p>	<p>estruturadas são fundamentais para o manejo do TOD, favorecendo a inclusão e o bem-estar dos alunos no ambiente escolar.</p>
<p>A função político-pedagógica da gestão educacional na inclusão da criança com TEA em uma escola municipal de Valinhos/SP Jamile Maia de Oliveira (2024)</p>	<p>Estudo de caso qualitativo, com análise documental e entrevistas em uma escola municipal.</p>	<p>A gestão educacional que prioriza políticas inclusivas facilita a integração de crianças com TEA, com impacto positivo na aprendizagem.</p>	<p>A gestão escolar tem um papel central na inclusão, necessitando de articulação política e pedagógica para garantir recursos e formação adequada.</p>
<p>O TEA na escola: um olhar psicopedagógico Andrêsa Fernanda Gomes Pereira, Mírian Carla Lima Carvalho</p>	<p>Revisão bibliográfica e análise teórica com foco em práticas psicopedagógicas para inclusão de alunos com TEA.</p>	<p>Estratégias psicopedagógicas, como mediação e adaptações, favorecem o desenvolvimento acadêmico e social de alunos com TEA.</p>	<p>O olhar psicopedagógico é essencial para promover a inclusão, destacando a importância de práticas personalizadas e colaborativas.</p>
<p>Terapia cognitivo-comportamental: desafios e estratégias na implementação para autistas com alta funcionalidade Eunice Nóbrega Portela (2024)</p>	<p>Revisão bibliográfica e análise de estudos de caso sobre aplicação de TCC em autistas de alta funcionalidade.</p>	<p>A TCC mostrou eficácia em melhorar habilidades sociais e emocionais, mas enfrenta desafios como adaptação às necessidades individuais.</p>	<p>A TCC é uma ferramenta promissora, mas exige adaptações específicas e formação profissional para ser eficaz com autistas de alta funcionalidade.</p>
<p>A arte como potencializadora no desenvolvimento de funções psicológicas superiores em</p>	<p>Revisão bibliográfica combinada com relato de experiência em intervenções artísticas com</p>	<p>Atividades artísticas promoveram melhorias em funções como atenção, memória e interação social</p>	<p>A arte é uma ferramenta poderosa para o desenvolvimento de crianças com TEA, estimulando funções</p>

crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA): uma revisão bibliográfica e relato de experiência Ana Elisa de Freitas Machado Silva (2024)	crianças com TEA.	em crianças com TEA.	psicológicas superiores de forma lúdica e inclusiva.
Ensino da matemática para alunos autistas: potencialidades e desafios na percepção dos pais e professores Andréa Amorim da Silva et al. (2023)	Estudo qualitativo com entrevistas e questionários aplicados a pais e professores.	Identificação de desafios como dificuldade de abstração e potencialidades como o uso de recursos visuais no ensino de matemática.	O ensino de matemática para alunos com TEA requer estratégias adaptadas, com colaboração entre pais e professores para superar desafios.
Encontros entre arte e o Transtorno do Espectro Autista (TEA): construindo vivências significativas Yasmin Campanha Faria de Souza (2023)	Estudo qualitativo com observação de intervenções artísticas e análise de suas contribuições para crianças com TEA.	Atividades artísticas promoveram maior expressão emocional e interação social, criando vivências significativas.	A arte é uma via eficaz para promover inclusão e desenvolvimento socioemocional de crianças com TEA, fortalecendo suas conexões com o ambiente escolar.

DISCUSSÃO

A análise das estratégias psicopedagógicas para a inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no ambiente escolar, com base nos artigos selecionados, revela convergências e divergências que enriquecem o debate sobre práticas inclusivas. Os estudos convergem ao destacar a importância de intervenções personalizadas, mas divergem em relação aos enfoques e desafios práticos na implementação dessas estratégias.

Dornelas *et al.* (2024) enfatizam o papel da formação psicopedagógica dos professores do Atendimento Educacional Especializado (AEE), argumentando que ela permite a personalização de estratégias, como Planos Educacionais Individualizados

(PEI), que favorecem a inclusão de alunos com TEA. Essa perspectiva é corroborada por Pereira e Carvalho (2022), que destacam a eficácia de práticas psicopedagógicas, como adaptações curriculares e mediação, no desenvolvimento acadêmico e social. Ambos os estudos reforçam a necessidade de abordagens individualizadas que respeitem as particularidades sensoriais e cognitivas dos alunos, utilizando recursos visuais e multissensoriais para superar barreiras de aprendizagem.

Por outro lado, Camargo *et al.* (2021) problematizam a medicalização excessiva no contexto escolar, sugerindo que o uso de medicamentos para gerenciar comportamentos associados ao TEA pode ofuscar a aplicação de estratégias psicopedagógicas. Esse ponto confronta diretamente a visão de Dornelas *et al.* (2024), que, embora reconheçam a importância de intervenções não farmacológicas, não abordam o impacto da medicalização. A crítica de Camargo *et al.* (2021) destaca a necessidade de uma reflexão ética sobre o uso de medicamentos, reforçando a relevância de práticas pedagógicas que priorizem o desenvolvimento integral do aluno, em linha com as estratégias defendidas por Pereira e Carvalho (2022).

A arte emerge como um recurso promissor nos estudos de Silva (2024) e Souza (2023), que apontam seu potencial para estimular funções psicológicas superiores, como atenção, memória e regulação emocional. Silva (2024) destaca a eficácia de atividades como musicoterapia e artes visuais na redução de comportamentos disruptivos e na promoção da interação social, enquanto Souza (2023) enfatiza a criação de vivências significativas por meio de práticas artísticas. Esses resultados complementam as intervenções psicopedagógicas tradicionais descritas por Dornelas *et al.* (2024), sugerindo que a integração da arte ao currículo escolar pode ampliar o impacto das estratégias inclusivas. Contudo, ambos os estudos reconhecem a necessidade de formação docente para planejar atividades artísticas alinhadas às necessidades dos alunos, um ponto que Oliveira (2024) reforça ao destacar a gestão educacional como articuladora de práticas inclusivas.

Oliveira (2024) e Acuña (2022) abordam a gestão educacional e a formação docente como pilares da inclusão. Oliveira (2024) argumenta que uma gestão comprometida facilita a implementação de políticas inclusivas, como a disponibilização de salas de recursos e a capacitação de professores. Acuña (2022), por sua vez, foca na psicologia como ferramenta para práticas docentes no ensino superior, sugerindo que estratégias psicológicas, como suporte emocional, são

essenciais para a inclusão. Embora os contextos sejam distintos (ensino básico versus superior), ambos convergem na importância da formação continuada, mas divergem na ênfase: Oliveira (2024) prioriza a articulação sistêmica, enquanto Acuña (2022) destaca intervenções psicológicas específicas.

Portela (2024) introduz a terapia cognitivo-comportamental (TCC) adaptada como uma estratégia eficaz para alunos com TEA de alta funcionalidade, promovendo habilidades sociais e emocionais. Contudo, o estudo aponta desafios na adaptação da TCC ao ambiente escolar, como a necessidade de formação específica, o que dialoga com as lacunas identificadas por Oliveira (2024) e Dornelas *et al.* (2024) sobre a capacitação docente. A TCC, embora promissora, enfrenta barreiras práticas que contrastam com a aplicabilidade mais imediata de recursos artísticos descritos por Silva (2024) e Souza (2023).

Silva *et al.* (2023) trazem uma perspectiva específica sobre o ensino da matemática, destacando a necessidade de estratégias visuais e concretas para alunos com TEA. Esse enfoque converge com as adaptações curriculares defendidas por Dornelas *et al.* (2024) e Pereira e Carvalho (2022), mas adiciona a importância da colaboração entre pais e professores, um aspecto também enfatizado por Oliveira (2024). A integração família-escola emerge como um fator crítico, mas os estudos divergem na profundidade com que abordam essa parceria, sendo Silva *et al.* (2023) mais específicos ao contexto matemático.

Iwamoto (2025), ao abordar o transtorno opositor desafiador (TOD), oferece insights que podem ser aplicados ao TEA, como o uso de reforço positivo e comunicação clara. Embora o foco não seja exclusivamente o TEA, as estratégias propostas dialogam com as técnicas de manejo comportamental descritas por Dornelas *et al.* (2024), sugerindo que práticas pedagógicas estruturadas podem ser eficazes em contextos neurodiversos.

Os artigos convergem na relevância de estratégias psicopedagógicas personalizadas e na necessidade de formação docente, mas divergem em relação aos desafios práticos e à ênfase em recursos específicos, como arte, TCC ou gestão educacional. A medicalização, apontada por Camargo *et al.* (2021), permanece um ponto de tensão, exigindo maior integração entre abordagens pedagógicas e psicossociais para garantir uma inclusão equitativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A problemática central deste trabalho, que questiona como as estratégias psicopedagógicas podem ser estruturadas para promover a inclusão efetiva de alunos com TEA no ambiente escolar, foi respondida de forma abrangente. A análise dos artigos demonstrou que intervenções psicopedagógicas, como Planos Educacionais Individualizados (PEI), adaptações curriculares e o uso de recursos visuais e multissensoriais, são fundamentais para superar barreiras de aprendizagem, promovendo o desenvolvimento acadêmico e socioemocional (Dornelas *et al.*, 2024; Pereira & Carvalho, 2022). A integração de recursos artísticos, como música, artes visuais e teatro, revelou-se um complemento poderoso, estimulando funções psicológicas superiores e a interação social (Silva, 2024; Souza, 2023). Além disso, a gestão atua na articulação de políticas inclusivas, formação docente e colaboração com as famílias, garantindo a viabilização dessas estratégias (Oliveira, 2024).

Os principais pontos do trabalho incluem a necessidade de personalização das intervenções, a importância da formação continuada de professores e a relevância de abordagens interdisciplinares que integrem psicopedagogia, arte e gestão educacional. A crítica à medicalização excessiva (Camargo *et al.*, 2021) destacou a urgência de priorizar práticas pedagógicas e psicossociais, enquanto a terapia cognitivo-comportamental (TCC) adaptada mostrou potencial, mas com limitações práticas (Portela, 2024). A colaboração família-escola também emergiu como um fator indispensável, especialmente no ensino de disciplinas desafiadoras como a matemática (Silva *et al.*, 2023).

Apesar dos avanços, lacunas persistem, como a insuficiência de programas de formação docente que abordem especificidades do TEA, a limitada implementação de tecnologias assistivas e a necessidade de estudos que avaliem a longo prazo os impactos das intervenções artísticas e da TCC no contexto escolar. Trabalhos futuros devem explorar essas áreas, além de investigar estratégias para integrar famílias de forma mais ativa e sistemática, garantindo a continuidade das práticas inclusivas. Este estudo contribui para o campo da psicopedagogia ao sistematizar práticas eficazes, mas reforça a necessidade de esforços contínuos para transformar o ambiente escolar em um espaço verdadeiramente equitativo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACUÑA, José Tadeu. **Acessibilidade pedagógica ao universitário com transtorno do espectro autista: contribuições da psicologia à prática docente.** 2022.

CAMARGO, Maria Ida Ferreira Pires et al. **MEDICALIZAÇÃO E FARMACOLOGIZAÇÃO DA INFÂNCIA NO CONTEXTO ESCOLAR.** *TCC-Psicologia*, 2021.

DORNELAS, Cristina dos Reis Souza et al. **O professor do atendimento educacional especializado na sala de recurso multifuncional (AEE/SRM) com formação em psicopedagogia: atuação junto ao aluno com Transtorno do Espectro Autista-TEA.** 2024.

IWAMOTO, Eliza Nami. Práticas pedagógicas eficazes no manejo do transtorno opositivo desafiador no ambiente escolar. *gestão & educação*, v. 8, n. 04, p. 49 a 59-49 a 59, 2025.

OLIVEIRA, Jamile Maia de. **A função político-pedagógica da gestão educacional na inclusão da criança com TEA em uma escola municipal de Valinhos/SP.** 2024.

PEREIRA, Andrêsa Fernanda Gomes; CARVALHO, Mírian Carla Lima. O Tea na Escola: Um Olhar Psicopedagógico. **A inclusão das pessoas com deficiência, TEA e Altas Habilidades na pauta do V CINTEDI: tecendo redes de solidariedade na sociedade pós-moderna**, p. 31.

PORTELA, Eunice Nóbrega. Terapia cognitivo-comportamental: desafios e estratégias na implementação para autistas com alta funcionalidade. **Educação, neurodiversidade e saúde**, p. 67, 2024.

SILVA, Ana Elisa de Freitas Machado. **A arte como potencializadora no desenvolvimento de funções psicológicas superiores em crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA): uma revisão bibliográfica e relato de experiência.** 2024.

SILVA, Andréa Amorim da et al. **Ensino da matemática para alunos autistas: potencialidades e desafios na percepção dos pais e professores.** 2023.

SOUZA, Yasmin Campanha Faria de. **Encontros entre arte e o Transtorno do Espectro Autista (TEA): construindo vivências significativas.** 2023.